

Varejo do Nordeste no início do Século XXI

Airton Saboya Valente Junior

Economista. Doutor em Desenvolvimento Local e Territorial.
Gerente Executivo do Banco do Nordeste / Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste-ETENE
airtonjr@bnb.gov.br

João Marcos Rodrigues da Silva

Graduando em Economia.
Estagiário do Banco do Nordeste / Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste-ETENE
joaomarcosrs40@gmail.com

Resumo

O comércio exerce papel relevante na estrutura produtiva brasileira, tendo registrado expressivo crescimento no século XXI, em que pese a recente desaceleração econômica ocorrida no País. O comércio do Brasil constituiu 12,9% do Valor Adicionado Bruto (VAB) da economia nacional em 2016. No Nordeste, representou 13,8% da economia dessa Região nesse mesmo ano, constituindo-se, portanto, em uma das principais atividades econômicas tanto do País quanto da mencionada Região.

A atividade comercial tem significativa representatividade no Nordeste. Em 2017, o setor do Comércio foi responsável por 45% do total dos estabelecimentos registrados formalmente na Região. Da mesma forma, o setor do comércio tem extrema importância na geração de emprego. O setor comercial do Nordeste ampliou a participação no estoque de emprego formal para 18,7% em 2017, ante 14,7%, em 2002, representando crescimento de 4,0 pontos percentuais, o maior entre as Regiões brasileiras. Assim, o estoque de empregos do comércio no Nordeste evoluiu para 1,6 milhão em 2017, em contraste com 712 mil em 2002, contabilizando 885 mil novas vagas no setor comercial nesse período.

Além da expansão quantitativa, cabe registrar o surgimento de segmentos comerciais modernos, a exemplo de hiper e supermercados, centros de atacado, lojas de conveniência, *shopping centers*, *outlets* e lojas de departamento não somente nas capitais e áreas metropolitanas do Nordeste, mas também em cidades do interior.

Por sua vez, o setor comercial do Nordeste enfrenta diferentes desafios, a exemplo especialmente a persistente crise econômica, que afeta o mercado de trabalho e a renda das famílias, provocando retração na demanda. A concorrência internacional e a transformação digital, com ênfase no comércio eletrônico, provocam rupturas no relacionamento entre empresas e consumidores, bem como na forma de comercializar produtos.

Paralelamente a essas transformações, persistem no Nordeste elevados níveis de informalidade na atividade comercial. A retomada dos investimentos públicos e privados será essencial para revigorar o mercado de trabalho e consequentemente restabelecer a demanda interna, beneficiando, assim, o setor comercial no País.

Palavras-chave

Comércio. Nordeste. Varejo.

1 Introdução

O comércio exerce papel econômico relevante, considerando seu potencial de gerar empregos, renda, impostos e divisas externas. Apresenta barreiras relativamente menores à entrada e saída no mercado, permitindo que empreendimentos de diferentes portes possam atuar no setor.

O comércio está presente em todos os municípios brasileiros, movimentando amplo espectro de fornecedores de insumos, a exemplo de matérias-primas, peças, partes, componentes e produtos acabados, varejistas, atacadistas, serviços de utilidade pública e auxiliares, tais como abastecimento de água, coleta e tratamento de lixo, fornecimento de energia elétrica, saneamento, transporte e logística, contabilidade e finanças, além dos consumidores, o que confere a essa atividade elevado potencial para promover o desenvolvimento local.

Apesar do surgimento de inovações, associadas à tecnologia da informação e ao *marketing*, implicando formas modernas de comercialização e atendimento do cliente, o segmento é ainda tradicionalmente marcado por características como elevada informalidade, baixa produtividade, reduzidos salários e alta rotatividade no mercado de trabalho.

Por sua vez, o desempenho do comércio costuma ser positivamente influenciado pelo crescimento da demanda, proveniente do consumo das famílias, consumo do governo e dos investimentos realizados pelas empresas.

No presente artigo são apresentados os principais resultados do desempenho do comércio no Nordeste e Estados nas últimas duas décadas. A análise utilizou dados das contas nacionais e regionais produzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), particularmente no que se refere ao Valor Adicionado Bruto (VAB), além dos dados sobre o número de estabelecimentos e empregos produzidos pela Secretaria do Trabalho, órgão vinculado ao Ministério da Economia.

Além desta introdução, as seções seguintes apresentam a importância econômica da atividade comercial, especialmente a evolução do VAB Comércio no Nordeste e Estados dessa Região no período de 2002 a 2016, além de detalhar a expansão dos estabelecimentos e empregos no segmento comercial de 2002 a 2017. A fim de identificar mudanças estruturais, prioriza-se a comparação entre os resultados dos dois pontos extremos. As considerações finais são também apresentadas, bem como as referências bibliográficas.

2 Importância Econômica do Comércio

O Valor Adicionado Bruto (VAB) é um indicador que mensura o preço que as atividades agregam aos bens e serviços consumidos no processo produtivo. Representa a contribuição ao Produto Interno Bruto (PIB) das diversas atividades econômicas, sendo obtido pela diferença entre o valor da produção e o valor do consumo intermediário absorvido por essas atividades (Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada, 2019).

Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016), o comércio do Brasil constituiu 12,9% do Valor Adicionado da economia nacional em 2016, participação superior à obtida em 2002, quando o comércio detinha 7,7% a preços correntes. Referido setor atingiu maiores participações em 2012 (13,4%), 2013 (13,5%) e 2014 (13,6%).

Tal qual a variação da participação do VAB Comércio entre os anos de 2002 e 2016, verificou-se crescimento monetário no setor a nível nacional, da ordem de R\$ 190,4 bilhões entre 2002 e 2016. Assim, o VAB Comércio atingiu R\$ 699,1 bilhões em 2016, frente a R\$ 508,7 bilhões em 2002. O maior valor monetário do VAB Comércio nacional foi R\$ 808,3 bilhões em 2014. Todos os preços são de 2016.

O Nordeste foi a Região que apresentou a segunda maior participação do comércio em relação à sua própria economia, tendo atingido 13,8% em 2016, ante 8,4% em 2002. O Sul liderou, com 14,6% em 2016. O Sudeste ficou em terceiro (12,4% em 2016), seguido do Norte (12,2%) e Centro-Oeste (11,6%), conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 – Valor Adicionado Bruto Comércio e Valor Adicionado Bruto Total, em R\$ milhões a preços correntes - 2002 e 2016

Região/País	2002			2016		
	VAB Comércio (1)	VAB Total (2)	Part.(%) (1/2)	VAB Comércio (1)	VAB Total (2)	Part.(%) (1/2)
Norte	4.746.567	61.466.976	7,7	36.723.968	300.710.195	12,2
Nordeste	14.386.411	170.887.260	8,4	108.994.691	792.251.283	13,8
Sudeste	52.890.269	717.210.149	7,4	352.873.873	2.836.958.968	12,4
Sul	18.941.412	208.200.034	9,1	135.054.309	924.877.182	14,6
Centro-Oeste	7.275.683	112.450.248	6,5	65.503.158	562.901.372	11,6
Brasil	98.240.341	1.270.214.667	7,7	699.150.000	5.417.699.000	12,9

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016).

Notas: (1) Valor Adicionado Bruto do Comércio. (2) Valor Adicionado Bruto Total. (1/2) Relação VAB Comércio/VAB Total.

No período de 2002 a 2016, verificou-se uma leve desconcentração da atividade comercial entre as regiões. Assim, a participação do comércio do Nordeste cresceu em relação ao total brasileiro, para 15,6% em 2016, ante 14,6% em 2002. O Norte também obteve incremento de participação, para 5,3% em 2016, em contraste com 4,8% em 2002. No Centro-Oeste, a participação avançou para 9,4%, frente aos 7,4% em 2002, enquanto que nas regiões de maior desenvolvimento, o Sul continuou estável com 19,3%. O Sudeste recuou de 53,8% em 2002, para 50,5%, em 2016, embora possua destacadamente a maior fatia do comércio nacional, conforme detalhado na Tabela 2.

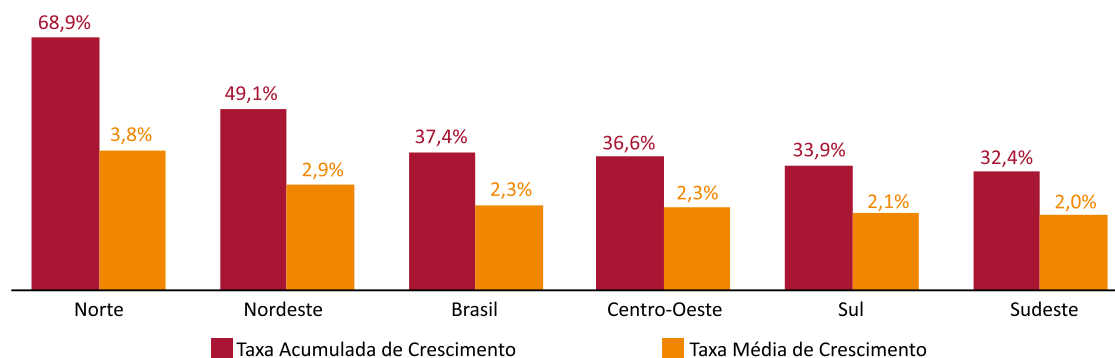
Tabela 2 – VAB Comércio no Brasil e Regiões - Valor (R\$) e participação (%) em relação ao total nacional, em R\$ milhões a preços de 2016

Região/País	2002		2016	
	Valor (R\$)	Participação (%)	Valor (R\$)	Participação (%)
Norte	4.746.567	4,8	36.723.968	5,3
Nordeste	14.386.411	14,6	108.994.691	15,6
Centro-Oeste	98.240.341	7,4	65.503.158	9,4
Sudeste	52.890.269	53,8	352.873.873	50,5
Sul	18.941.412	19,3	135.054.309	19,3
Brasil	98.240.341	100,0	699.150.000	100,0

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016).

O Norte obteve a maior taxa de crescimento do VAB Comércio (+68,9%) de 2002 a 2016, seguido pelo Nordeste (+49,1%), tendo as duas regiões superado a variação média nacional (+37,4%). Na sequência, tem-se o Centro-Oeste (+36,6%), Sul (+33,9%) e Sudeste (+32,4%). Em relação à variação média anual, todas as regiões lograram resultados acima do crescimento médio brasileiro (+2,3%), tendo Norte (+3,8%) e Nordeste (+2,9%) apresentado as variações mais expressivas, vindo posteriormente o Centro-Oeste (+2,3%), Sul (+2,1%) e Sudeste (+2,0%), vide Gráfico 1.

Gráfico 1 – Taxa acumulada e taxa média de crescimento do VAB Comércio - Regiões e Brasil - Em %

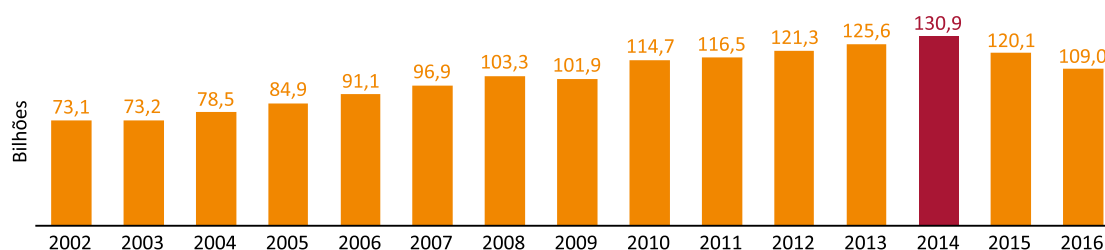


Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016).

De acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016), o comércio representou 13,8% da economia do Nordeste em 2016 (último dado disponível), constituindo-se, portanto, em uma das principais atividades econômicas da Região. No período de 2002 a 2016, o setor ampliou sua participação em 5,4 pontos percentuais, quando em 2002 registrou 8,4%.

O VAB Comércio do Nordeste totalizou R\$ 109,0 bilhões em 2016, ante R\$ 73,1 bilhões em 2002. É importante salientar que os maiores montantes da série foram registrados a partir de 2010, tendo o ápice sido atingido em 2014, com o total de R\$ 130,9 bilhões, a preços de 2016, conforme o Gráfico 2. Entre 2002 e 2014, a série mostrou tendência de crescimento, exceto por uma leve queda em 2009. Já em 2015 e 2016, verificaram-se recuos.

Gráfico 2 – Valor Adicionado Bruto Comércio no Nordeste - R\$ bilhões a preços de 2016



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016).

A taxa acumulada de crescimento do VAB Comércio no Nordeste variou +49,1% entre os anos de 2002 e 2016, tendo ficado acima da variação acumulada do Brasil (+37,4%). A taxa média de crescimento anual foi de +2,9% ao ano no mesmo período, acima da média nacional (+2,3%). A maior variação positiva ocorreu em 2010, cujo crescimento alcançou +12,6% em relação ao ano anterior.

O acentuado crescimento registrado no VAB Comércio entre 2009 e 2010, de quase R\$ 13 bilhões, demonstra o grau de impacto da redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), instrumento utilizado para atenuar a crise econômica através do estímulo ao consumo. As desonerações ocorreram em produtos de consumo com alto valor agregado, a exemplo de automóveis e eletrodomésticos da linha branca, com expressivos impactos no varejo (Paes, 2015).

Além dos incentivos fiscais, Bacelar (2014) ressalta que políticas de distribuição de renda, bem como as políticas sociais e de valorização do salário mínimo elevaram a renda da população do Nordeste, contribuindo para o aumento do consumo das famílias e, conseqüentemente, estimulando as vendas do comércio.

Bahia (R\$ 28,4 bilhões em 2016) possui, com expressiva diferença para os demais Estados, o maior VAB Comércio do Nordeste. Seguem Pernambuco (R\$ 19,7 bilhões) e Ceará (R\$ 17,8 bilhões), tendo o terceiro reduzido à diferença para o segundo colocado de R\$ 3,7 bilhões, em 2002, para R\$ 1,8 bilhão em 2016, conforme especificado na Tabela 3.

O VAB Comércio do Maranhão (R\$ 11,6 bilhões), quarto no *ranking* do Nordeste, também reduziu a diferença para o terceiro colocado, isto é, Pernambuco. Tem-se na sequência Paraíba (R\$ 7,8 bilhões), Rio Grande do Norte (R\$ 7,1 bilhões), Alagoas (R\$ 6,3 bilhões), Piauí (R\$ 5,7 bilhões) e Sergipe (R\$ 4,5 bilhões).

Em relação ao crescimento médio anual, os Estados com as maiores variações no VAB Comércio foram Maranhão (+4,6%), Rio Grande do Norte (+4,0%), Alagoas (+3,8%), Ceará (+3,7%), Paraíba (+3,3%) e Piauí (+3,2%), no período estudado. Por sua vez, Pernambuco (+2,3%) e Sergipe (+2,3%) obtiveram incrementos, porém abaixo da média regional (+2,9%), enquanto que Bahia (+1,5%) cresceu abaixo da média nacional (+2,3%), vide Tabela 3.

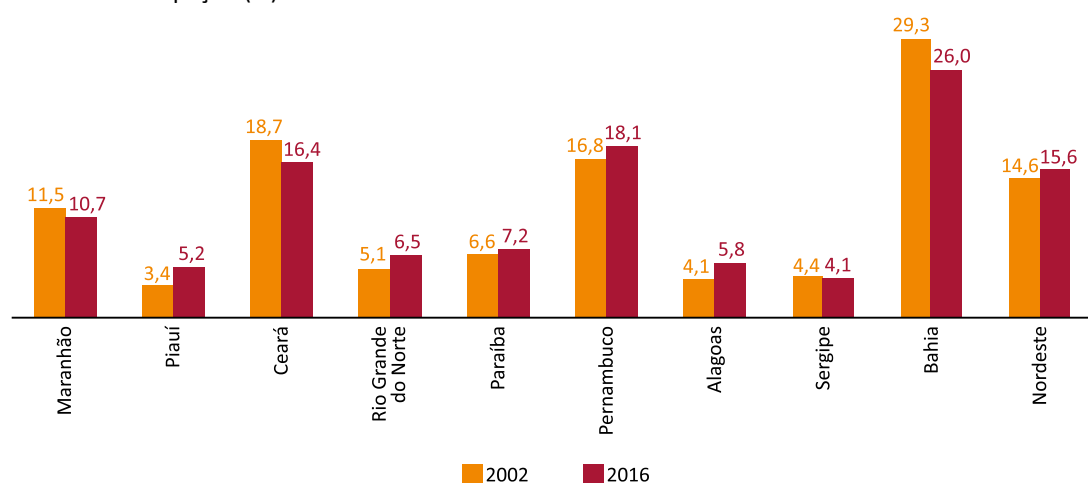
Tabela 3 – VAB Comércio de Estados selecionados, Nordeste e Brasil - Valor (R\$ mil a preços de 2016) e variações (%)

Estado/ Região/País	2002	2016	Taxa anual média de crescimento (%)	Taxa acumulada no período (%)
Maranhão	6.205.325	11.612.959	4,6	87,1
Piauí	3.665.955	5.699.869	3,2	55,5
Ceará	10.670.397	17.834.970	3,7	67,1
Rio Grande do Norte	4.138.036	7.124.286	4,0	72,2
Paraíba	4.950.136	7.839.318	3,3	58,4
Pernambuco	14.389.970	19.695.990	2,3	36,9
Alagoas	3.734.010	6.296.400	3,8	68,6
Sergipe	3.275.054	4.518.312	2,3	38,0
Bahia	22.921.540	28.372.587	1,5	23,8
Nordeste	73.100.077	108.994.691	2,9	49,1
Brasil	508.747.583	699.150.000	2,3	37,4

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016).

Considerando a participação do VAB Comércio de cada estado em relação ao do VAB Comércio do Nordeste, entre 2002 e 2016, cinco dos nove estados aumentaram suas respectivas participações. Conforme o Gráfico 3, Piauí obteve maior ganho (1,8 p.p.), alcançando em 2016 a participação de 5,2% do VAB Comércio do Nordeste. Em seguida, têm-se Alagoas que atingiu 5,8% em 2016 e obteve ganho de 1,7 p.p., Rio Grande do Norte (5,8% crescendo 1,4 p.p.), Pernambuco (18,1% crescendo 1,3 p.p.) e Paraíba (7,2%, crescendo 0,6 p.p.).

Por outro lado, Bahia perdeu participação no comércio do Nordeste, quando atingiu 26,0% em 2016, em contraste com 29,3% em 2002. Similar tendência foi observada no Ceará (para 16,4% em 2016 ante 18,7% em 2002), Maranhão (para 10,7% em 2016, ante 11,5% em 2002) e Sergipe (para 4,1% em 2016 ante 4,4% em 2002), como pode ser observado no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Participação (%) do VAB Comércio dos Estados ⁽¹⁾ e Nordeste ⁽²⁾

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016).

Notas: (1) Participação em relação ao Nordeste. (2) Participação em relação ao Brasil.

Em relação às atividades do setor, cabe destacar que o comércio obteve expansão no âmbito da economia de todos os estados do Nordeste. Alagoas foi o Estado que apresentou a maior variação e atingiu 14,1% em 2016, ante 5,5% em 2002. Piauí avançou para 15,4% em 2016, em contraste com 7,7% em 2002; Rio Grande

do Norte (13,4% em 2016 e 6,1% em 2002); Paraíba (14,8% em 2016 e 8,4% em 2002); Sergipe (13,0% em 2016 e 6,8% em 2002); Pernambuco (13,7% em 2016, ante 7,8% em 2002); Bahia (12,4% em 2017, frente a 8,4% em 2002); e Ceará (14,6% em 2016, ante 10,8% em 2002), conforme os dados da Tabela 4.

Tabela 4 – Participação (%) do VAB setorial em relação ao VAB total no Nordeste e Estados - 2002 e 2016

Estado/Região	Comércio		Agropecuária		Indústria		Serviços	
	2002	2016	2002	2016	2002	2016	2002	2016
Maranhão	11,4	15,3	12,8	8,0	18,8	17,4	57,0	59,4
Piauí	7,7	15,4	6,8	5,1	14,8	12,7	70,8	66,8
Ceará	10,8	14,6	7,5	4,7	22,6	19,2	59,1	61,5
Rio Grande do Norte	6,1	13,4	4,6	3,5	29,7	19,0	59,7	64,1
Paraíba	8,4	14,8	6,6	4,1	19,5	15,6	65,4	65,5
Pernambuco	7,8	13,7	6,0	4,3	22,8	19,7	63,4	62,3
Alagoas	5,5	14,1	23,3	15,1	20,5	12,4	50,7	58,5
Sergipe	6,8	13,0	6,5	5,0	32,1	20,1	54,6	62,0
Bahia	8,4	12,4	13,1	7,2	23,5	23,7	55,1	56,6
Nordeste	8,4	13,8	10,0	6,2	23,0	19,5	58,6	60,6

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016).

O próximo capítulo analisa o crescimento do número de estabelecimentos comerciais, bem como do mercado de trabalho formal no setor de comércio no Nordeste e Estados.

3 Mercado de Trabalho Formal no Comércio

As informações disponibilizadas sobre mercado de trabalho, a exemplo do quantitativo de estabelecimentos comerciais e do número de vínculos empregatícios formais, são divulgadas pela Secretaria do Trabalho, que atualmente está vinculada ao Ministério da Economia. Esses dados fazem parte da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), sendo colhidos pela Secretaria anualmente, com abrangência no território nacional.

Em 2017, o Brasil registrou 3,9 milhões de estabelecimentos, segundo os dados do Ministério da Economia disponibilizados na Relação Anual de Informações Sociais. Desse total, pouco mais de 629 mil estabelecimentos estavam localizados no Nordeste, tendo representado 16,2% do total. Em 2002, a Região possuía 326 mil estabelecimentos, participação de 13,3% do total nacional de 2,4 milhões.

O Sudeste detém o maior número de empreendimentos, com uma participação de 48,2% em 2017. O Sul vem em seguida, com 21,4% dos estabelecimentos em 2017. Verificou-se uma desconcentração regional, visto que as participações das duas regiões eram maiores em 2002, quando o Sudeste detinha 53,2% e o Sul 22,0% dos estabelecimentos, de acordo com os dados apresentados na Tabela 5.

Tabela 5 – Número de estabelecimentos formais no Brasil e Regiões - 2002 e 2017

Região/País	2002		2017		Taxa de Crescimento (%) 2002-2017	
	Estabelecimento	Participação (%)	Estabelecimento	Participação (%)	Acumulada	Média Anual
Sudeste	1.303.418	53,2	1.872.050	48,2	43,6	2,4
Sul	537.539	22,0	832.045	21,4	54,8	3,0
Nordeste	325.949	13,3	628.738	16,2	92,9	4,5
Centro-Oeste	205.711	8,4	383.510	9,9	86,4	4,2
Norte	75.248	3,1	171.106	4,4	127,4	5,6
Brasil	2.447.865	100,0	3.887.449	100,0	58,8	3,1

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2017).

O Brasil registrou 1,5 milhão de estabelecimentos comerciais formais em 2017, em contraste com 935 mil em 2002, representando incremento de 59,6% nesse período. O número de estabelecimentos comerciais também cresceu no Nordeste nesse mesmo período. A Região totalizou 281.878 estabelecimentos comerciais em 2017, sendo 20.374 atacadistas e 261.504 varejistas. Em 2002, o Nordeste possuía 142.147 estabelecimentos comerciais.

Apesar do número crescente de estabelecimentos, é importante ressaltar que houve uma ruptura nessa expansão, tendo em vista a recente crise econômica que atingiu o País. De 2002 a 2015, o quantitativo de estabelecimentos foi crescente no Nordeste e atingiu nesse último ano o pico de 288.934 estabelecimentos, sendo 20.522 no atacado e 268.412 no varejo. Já em 2016, os dados gerais do setor comercial caíram para 285.721 e, em 2017, o número de empreendimentos comerciais somou 281.878, ou seja, foram fechados 4.218 estabelecimentos comerciais formais no acumulado desses últimos dois anos na Região.

A taxa de crescimento acumulada referente ao número de estabelecimentos comerciais no Brasil foi de 59,6% para o período analisado, representando média anual de 3,2%. O Nordeste, por sua vez, obteve variação acumulada de 98,3% no período em análise, representando incremento médio anual de +4,7% quanto ao número desses empreendimentos, acima portanto, do desempenho nacional.

O Nordeste registrou expansão quanto à participação no número de empreendimentos, isto é, para 18,9% em 2017, em contraste com 15,2% em 2002, representando incremento de 3,7 pontos percentuais. O Norte registrou o segundo maior acréscimo (4,9% em 2017, ante 3,5% em 2002). O Centro-Oeste aumentou para 9,1% em 2017, em contraste com 7,8% em 2002 (Tabela 6).

Apesar da desconcentração regional, o Sudeste obteve participação de 46,6% em 2017 no que se refere ao número de estabelecimentos comerciais, ante 52,1% em 2002, representando decréscimo de 5,5 pontos percentuais. O Sul também registrou queda, porém, em menor proporção, 0,9 ponto percentual, conforme os dados especificados na Tabela 6.

Tabela 6 – Estabelecimentos comerciais - Brasil e Regiões

Estabelecimentos Comerciais				
Região/País	2002	Participação (%)	2017	Participação (%)
Centro-Oeste	72.528	7,8	135.680	9,1
Nordeste	142.147	15,2	281.878	18,9
Norte	32.375	3,5	72.993	4,9
Sudeste	487.529	52,1	695.301	46,6
Sul	200.714	21,5	307.102	20,6
Brasil	935.293	100,0	1.492.954	100,0

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2017).

O comércio é um dos setores que geram maior número de empregos no Brasil. Dos 46 milhões de empregos formais registrados em 2017, o Nordeste respondeu por 8,5 milhões, ou seja, 18,5% do total nacional. Os postos de trabalho quase que dobraram na Região, pois em 2012 foram computados 4,8 milhões de vínculos. O Nordeste apresentou o maior crescimento na participação, enquanto Sul e Sudeste decresceram, conforme os dados da Tabela 7.

Tabela 7 – Vínculos empregatícios no Brasil e Regiões - 2002 e 2017

Região/País	2002		2017		Taxa de Crescimento (%) 2002-2017	
	Vínculo	Participação (%)	Vínculo	Participação (%)	Acumulada (%)	Média Anual (%)
Centro-Oeste	2.323.786	8,1	4.201.923	9,1	80,8	4,0
Nordeste	4.859.397	16,9	8.543.651	18,5	75,8	3,8
Norte	1.296.597	4,5	2.641.623	5,7	103,7	4,9
Sudeste	15.128.474	52,7	22.758.090	49,2	50,4	2,8
Sul	5.075.659	17,7	8.136.303	17,6	60,3	3,2
Brasil	28.683.913	100,0	46.281.590	100,0	61,4	3,2

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2017).

O setor do comércio empregou 9,2 milhões de pessoas no Brasil em 2017, ante 4,8 milhões em 2002, representando incremento de 91,3% nesse período. O Sudeste detém por larga diferença a maior força de trabalho no comércio (6,4 milhões de trabalhadores em 2017), seguido do Sul (1,7 milhão), Nordeste (1,6 milhão), Centro-Oeste (765 mil) e Norte (497 mil), de acordo com os dados apresentados na Tabela 8.

Tabela 8 – Vínculos empregatícios no Brasil e Regiões

Região/País	2002	Participação (%)	2017	Participação (%)
Centro-Oeste	374.482	7,8	764.832	8,3
Nordeste	712.138	14,8	1.597.726	17,3
Norte	204.692	4,2	497.339	5,4
Sudeste	2.631.827	54,5	4.654.192	50,4
Sul	903.394	18,7	1.716.661	18,6
Brasil	4.826.533	100,0	9.230.750	100,0

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2017).

O Nordeste alcançou o segundo maior crescimento no número de postos de trabalho no comércio dentre as Regiões, tendo obtido incremento de 124,4% no acumulado de 2002 a 2017, representando média anual de 5,5% no período. O Norte liderou (143,0% no acumulado do período), à frente do Centro-Oeste (104,2%), Sul (90,0%) e Sudeste (76,8%).

Considerando referidos desempenhos, o Nordeste obteve aumento na participação do número de vínculos comerciais do País, 17,3% em 2017 ante 14,8% em 2002. Seguem o Norte (4,9% em 2017, ante 3,5% em 2002) e Centro-Oeste (9,1% em 2017, em contraste com 7,8% em 2002). O Sudeste e o Sul apresentaram recuos nas suas respectivas participações no mercado de trabalho do setor comercial no período analisado, tendo apresentado quedas de 4,1 p.p. e 0,1 p.p., respectivamente (Tabela 9).

Tabela 9 – Estoque de empregos total e no comércio em 2002 e 2017 - Brasil e Regiões

Estado/Região	2002		2017		Taxa Anual Média de Crescimento (%)	Taxa Acumulada de Crescimento (%)
	Vínculos	Participação (%)	Vínculos	Participação (%)		
Alagoas	37.288	5,2	85.504	5,4	5,7	129,3
Bahia	215.968	30,3	437.762	27,4	4,8	102,7
Ceará	106.701	15,0	259.124	16,2	6,1	142,9
Maranhão	51.045	7,2	146.239	9,2	7,3	186,5
Paraíba	42.837	6,0	103.246	6,5	6,0	141,0
Pernambuco	141.620	19,9	296.506	18,6	5,0	109,4

Estado/Região	2002		2017		Taxa Anual Média de Crescimento (%)	Taxa Acumulada de Crescimento (%)
	Vínculos	Participação (%)	Vínculos	Participação (%)		
Piauí	35.930	5,0	89.235	5,6	6,3	148,4
Rio Grande do Norte	49.318	6,9	114.049	7,1	5,7	131,3
Sergipe	31.431	4,4	66.061	4,1	5,1	110,2
Nordeste	712.138	14,8	1.597.726	17,3	5,5	124,4
Brasil	4.826.533	100,0	9.230.750	100,0	4,4%	91,3

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2017).

Observa-se que o comércio possui maior representatividade nas economias do Norte e Nordeste, pois referida atividade possuía 43% e 45% do total de estabelecimentos dessas regiões, respectivamente, em 2017. A participação no Sul e Sudeste era de 37% em cada região, enquanto que no Centro-Oeste bem como no Brasil correspondia a 38% do total de empreendimentos.

Registre-se que o estoque de emprego do comércio apresentou leve crescimento na participação, fenômeno observado em todas as regiões e no cenário nacional, ou seja, o comércio passou a ter maior importância na geração de empregos.

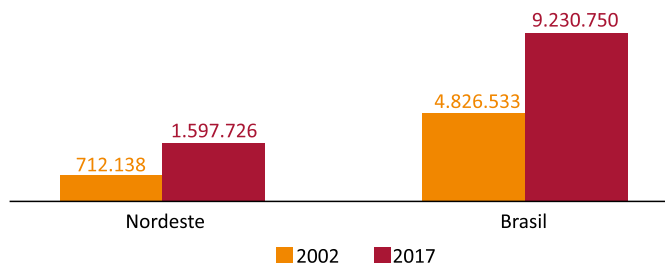
Os dados da Relação Anual de Informações Sociais mostram que o comércio do Nordeste ampliou a participação no estoque de emprego formal, para 18,7% em 2017, em contraste com 14,7% em 2002, representando crescimento de 4,0 pontos percentuais, o maior dentre as Regiões. A participação do comércio na geração de emprego expandiu no Sul em 3,3 p.p., no Sudeste em 3,1 p.p., no Norte em 3,0 p.p. e no Centro-Oeste em 2,1 p.p. (Tabela 10).

Em consonância com o crescente número de estabelecimentos comerciais, o estoque de empregos do comércio no Nordeste evoluiu para 1,6 milhão em 2017, ante 712 mil em 2002, contabilizando 885 mil novas vagas no setor comercial nesse período. Os números foram crescentes ao longo da série, ocorrendo o pico em 2014, quando o estoque de emprego atingiu aproximadamente 1,7 milhão de vínculos na Região. Destes, 275 mil foram registrados no subsetor atacadista e 1,4 milhão no varejista.

Os anos subsequentes foram de sucessivas quedas com perda de emprego nos dois ramos do comércio. Em 2015, foram fechados 14.719 postos de trabalho. Em 2016, ocorreram 65.978 demissões. Por último, o ano de 2017 contabilizou a perda de 9.775 postos de trabalho. No total, a Região obteve queda acumulada de 90.472 vínculos empregatícios no comércio em três anos.

Apesar da crise econômica, o estoque de empregos no Nordeste registrou taxa de crescimento médio anual de +5,5% de 2002 a 2017, tendo ficado acima da média nacional (+4,4%) no mesmo período.

Gráfico 4 – Comércio: Vínculos empregatícios no Nordeste



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2017).

Bahia possui quase um terço dos estabelecimentos comerciais do Nordeste, tendo inclusive obtido 37 mil unidades adicionais, quando se compara 2017 com 2002. Seguem Pernambuco, que adicionou 22 mil novas firmas e Ceará com 21 mil novos empreendimentos comerciais, conforme os dados da Tabela 11.

Referidos Estados atingiram o pico no número de empreendimentos em 2015: Bahia com 85.779, Pernambuco com 50.557 e Ceará com 44.796, além do Rio Grande do Norte (21.116) e Alagoas (15.635). Por sua vez, Maranhão e Piauí atingiram o número máximo de estabelecimentos em 2017, com 23.798 e 16.815, respectivamente. Paraíba alcançou o máximo em 2016, com 19.618, enquanto que Sergipe alcançou 11.184 em 2014.

Piauí (+6,5%), Maranhão (+6,3%), Alagoas (+5,3%), Rio Grande do Norte (+5,1%), Paraíba (+4,9%), Ceará (+4,6%), Pernambuco (+4,2%), Sergipe (+4,2%) e Bahia (+4,1%) ampliaram o número de estabelecimentos comerciais entre 2002 e 2017.

A participação conjunta de Bahia, Pernambuco e Ceará no número de estabelecimentos foi de 62% em 2017, em contraste com 66% em 2002. As participações do número de estabelecimentos comerciais sofreram uma leve reorganização com a diminuição na parcela da Bahia, que caiu para 29,6% em 2017 ante 32,1% em 2002. A participação de Pernambuco diminuiu para 17,1% em 2017, em comparação com 18,4% em 2002, à semelhança do ocorrido no Ceará (15,3% em 2017) e Sergipe (3,9%).

Em contrapartida, o Maranhão obteve expansão de participação no número de estabelecimentos do Nordeste, para 8,4%; Rio Grande do Norte (7,3%), Paraíba (6,9%), Piauí (6,0%) e Alagoas (5,4%), conforme especificado na Tabela 10.

Tabela 10 – Número de estabelecimentos comerciais - Nordeste e Estados da Região

Estado/Região/País	2002		2017		Taxa Média de Crescimento (%)	Taxa Acumulada de Crescimento (%)
	Estabelecimentos	Participação (%)	Estabelecimentos	Participação (%)		
Alagoas	7.005	4,9	15.096	5,4	5,3	115,5
Bahia	45.623	32,1	83.536	29,6	4,1	83,1
Ceará	21.998	15,5	43.021	15,3	4,6	95,6
Maranhão	9.534	6,7	23.798	8,4	6,3	149,6
Paraíba	9.542	6,7	19.546	6,9	4,9	104,8
Pernambuco	26.138	18,4	48.339	17,1	4,2	84,9
Piauí	6.529	4,6	16.815	6,0	6,5	157,5
Rio Grande do Norte	9.809	6,9	20.639	7,3	5,1	110,4
Sergipe	5.969	4,2	11.088	3,9	4,2	85,8
Nordeste	142.147	15,2	281.878	18,9	4,7	98,3
Brasil	935.293	100,0	1.492.954	100,0-	3,2%	59,6

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2017).

Nota: Participação dos Estados em relação ao Nordeste e participação do Nordeste em relação ao Brasil.

Apesar da reorganização no mercado de trabalho, os Estados que obtiveram as maiores altas quanto ao estoque de emprego, comparando-se o primeiro ano e o último da série, foram Bahia, com a expansão acima de 220 mil postos de trabalho, seguido por Pernambuco, com a geração de 155 mil vagas e Ceará com 152 mil. Os três Estados concentraram acima de 60% das contratações formais. Em 2017, a participação na geração de empregos dos três Estados caiu para 62,2%, enquanto em 2002 esse valor era de 65,2%. O pico do estoque de emprego no setor comercial ocorreu em 2014 na Bahia (462.522), Pernambuco (323.387), Ceará (274.168), Rio Grande do Norte (121.608), Alagoas (92.263) e Sergipe (68.655). Em 2015, verificou-se no Maranhão (152.045), Paraíba (106.921) e Piauí (90.594). Com exceção do Piauí e Sergipe, os demais Estados continuaram a apresentar saldo negativo de empregos formais até 2017.

Maranhão (+7,3%) obteve a maior taxa média de crescimento no número de empregos, seguido por Piauí (+6,3%), Ceará (+6,1%), Paraíba (+6,0%), Rio Grande do Norte (+5,7%), Alagoas (+5,7%), Sergipe (+5,1%), Pernambuco (+5,0%) e Bahia (+4,8%), conforme a Tabela 11.

Quanto à participação dos empregos comerciais no total do Nordeste, Bahia (para 27,4%), Pernambuco (para 18,6%) e Sergipe (para 4,1%) diminuíram suas respectivas representatividades no período analisado. Em contrapartida, Ceará elevou sua participação para 16,2%, além do Maranhão (para 9,2%), Rio Grande

do Norte (para 7,1%), Paraíba (para 6,5%), Piauí (para 5,6%) e Alagoas (para 5,4%), conforme especificado na Tabela 11.

Tabela 11 – Vínculos empregatícios, participação e taxas de crescimento, Estados selecionados ⁽¹⁾ e Nordeste ⁽²⁾

Estado/Região/País	2002		2017		Taxa Anual Média de Crescimento (%)	Taxa Acumulada de Crescimento (%)
	Vínculos	Participação (%)	Vínculos	Participação (%)		
Alagoas	37.288	5,2	85.504	5,4	5,7	129,3
Bahia	215.968	30,3	437.762	27,4	4,8	102,7
Ceará	106.701	15,0	259.124	16,2	6,1	142,9
Maranhão	51.045	7,2	146.239	9,2	7,3	186,5
Paraíba	42.837	6,0	103.246	6,5	6,0	141,0
Pernambuco	141.620	19,9	296.506	18,6	5,0	109,4
Piauí	35.930	5,0	89.235	5,6	6,3	148,4
Rio Grande do Norte	49.318	6,9	114.049	7,1	5,7	131,3
Sergipe	31.431	4,4	66.061	4,1	5,1	110,2
Nordeste	712.138	14,8	1.597.726	17,3	5,5	124,4
Brasil	4.826.533	100,0	9.230.750	100,0	4,4	91,3

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2017).

Nota: (1) Participação dos Estados em relação ao Nordeste e participação do Nordeste em relação ao Brasil.

4 Considerações Finais

O comércio exerce papel relevante na estrutura produtiva brasileira, tendo registrado expressivo crescimento no século XXI, em que pese a recente desaceleração econômica ocorrida no País.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016), o comércio do Brasil constituiu 12,9% do Valor Adicionado da economia nacional em 2016 e representou 13,8% da economia do Nordeste nesse mesmo ano, constituindo-se, portanto, em uma das principais atividades econômicas do País e da Região.

O comércio possui representatividade no Nordeste, pois referida atividade possuía 45% dos estabelecimentos totais nessa Região em 2017. Além disso, o comércio da Região ampliou a participação no estoque de emprego formal, para 18,7% em 2017.

Assim, o estoque de empregos do comércio no Nordeste evoluiu para 1,6 milhão em 2017, ante 712 mil em 2002, o que contabiliza 885 mil novas vagas no setor comercial nesse período.

Finalmente, cabe registrar o surgimento de segmentos comerciais modernos, a exemplo de hiper e supermercados, centros de atacado, lojas de conveniência, *shopping centers*, *outlets* e lojas de departamento, não somente nas capitais e áreas metropolitanas do Nordeste, mas também em cidades do interior.

Por sua vez, o setor comercial do Nordeste enfrenta diferentes desafios, a exemplo da persistente crise econômica, que afeta o mercado de trabalho e a renda das famílias, provocando retração na demanda. A concorrência internacional e a transformação digital, em especial o comércio eletrônico, provocam rupturas no relacionamento entre empresas e consumidores, bem como na forma de comercializar produtos.

Paralelamente a essas transformações, persistem no Nordeste elevados níveis de informalidade na atividade comercial. A retomada dos investimentos públicos e privados será essencial para revigorar o mercado de trabalho e conseqüentemente restabelecer a demanda interna, beneficiando, assim, o setor comercial no País.

Referências

BACELAR, T. Nordeste: desenvolvimento recente e perspectivas. *In*: GUIMARÃES, Paulo Ferraz *et al.* (org.). Um olhar territorial para o desenvolvimento: Nordeste. Rio de Janeiro: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, 2014. p. [540]-560.

BRASIL. Ministério do Trabalho. **RAIS: 2017**. *Online*. Brasília: PDET, 2017. Disponível em: <http://pdet.mte.gov.br/rais>. Acesso em 10 jul. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Sistemas de Contas Regionais. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9054-contas-regionais-do-brasil.html?=&t=downloads>. Acesso em: 25 jun. 2019.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA E APLICADA. Contas Nacionais: conceitos. Rio de Janeiro: IPEA, [2019?]. Disponível em: www.ipeadata.gov.br/doc/Contas%20Nacionais-Conceitos.doc. Acesso em: 20 jun. 2019.

PAES, N. L. Imposto sobre produtos industrializados: Carga setorial e aspectos distributivos. **Pesquisa e Planejamento Econômico**. Rio de Janeiro: IPEA, v. 45, p 37-57, abr. 2015.